

NOTAS SOBRE O CÂNONE

da história da literatura brasileira

(segunda metade do século XX)

Luiz Roberto Cairo

A construção de uma história literária, como a de uma árvore genealógica, se faz com o ocultamento das diferenças e descontinuidades.

(Süssekind, 1984, p. 33)

Ao longo da história da literatura brasileira, depreendem-se alguns momentos em que se evidencia a discussão do cânone literário. Discussão esta mais política do que literária, pois o artista como agente desestabilizador da norma busca frequentemente rompê-la para poder inovar, como deixa entrever Waly Salomão, um dos poetas mais representativos da contemporaneidade, em *Elipses sertanejas*:

Eu não nasci pra ser clássico de nascença:
Assestar o olímpico, olhar sobre o mundo nítido,
Filtrar os miasmas externos e os espasmos do ego,
Sob a impassibilidade dos céus tranqüilos e claros... (Salomão, 2000, p. 30)

Contestando e subvertendo a oficialidade da norma, o artista busca, naturalmente, o seu avesso:

Fiz tudo ao contrário... Sou todo ao convulsivo...
(...)
Um paria da família humana,
Cheio da paina das questões crispadas, cifradas, irresolvidas.

Cafarnaum de velas e becos sem saídas.....

.....
Vim da dureza feito gumes.....

Desavim... pontudo... áspero, intratável como o cacto libertino...

.....
(Salomão, 2000, p. 30-31)

A legitimação pelo cânone vai interessa mais ao crítico, ao historiador da literatura, ao “scholar, o guardião compulsivo da historiografia” (Portela, 1997, p. 5). Aos criadores, essa condição interessa em menor escala, uma vez que, entrar para o Panteão não deixa de significar a cristalização, a morte na imortalidade da oficialização, pois “o grande escritor”, conforme observa o crítico Eduardo Portella, “não é o que preserva o cânone ou protege o cânone. É o que implode”.(Portela, 1997, p. 5)

Ao olhar para o cânone da história da literatura brasileira, observo pelo menos três momentos em que essa discussão veio à tona com maior expressividade. Para melhor nomeá-los, procurei refuncionalizar algumas marcas apontadas por João Alexandre Barbosa na história da crítica literária brasileira, em instigante leitura que ele faz no ensaio dos anos 90, “Forma e história na crítica brasileira (1870-1950)”; marcas estas que definem e sintetizam cada momento: a *herança*, a *ruptura* e a *releitura* (Barbosa, 1990, p. 63-75).

Neste texto, não pretendo falar da *herança*, momento de construção do cânone, que culminou com sua fixação, no *Florilégio da Poesia Brasileira*, de Francisco Adolfo Varnhagen, publicado, em Lisboa, pela Imprensa Nacional, em 1850, pois isso foi feito em dois ensaios anteriores: “Memória cultural e construção do cânone literário brasileiro” (Cairo, 2001, p. 225-240) e “A Geração de 70 do século XIX e a construção da história da literatura brasileira” (2001, p. 9-31).

Não deveria estender-me tampouco discorrendo sobre a *ruptura*, momento de passagem de uma abordagem topológica para uma abordagem tropológica da literatura brasileira, cujo marco foi, certamente, a publicação, em 1955, de *A Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, e, em 1957, do ensaio historiográfico *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido, uma vez que fiz algumas incursões sobre essa etapa em “Insatisfações canônicas ao longo da história da literatura brasileira”(Cairo, 2001, p. 7-12).

No entanto, para abordar a *releitura*, momento da segunda metade do século XX, em que a maioria dos estudiosos de literatura brasileira parte para uma revisão do cânone da tradição recém-construída, sou levado a revisitar a *ruptura*. Isto porque é

nesse instante que se traçam as linhas mestras da discussão do cânone na segunda metade do século XX.

Assim retorno à “Introdução Geral”, de *A Literatura no Brasil*, onde Afrânio Coutinho registra como características, dentre outras, da evolução da nossa literatura, a ausência de tradição, a alienação do escritor e o divórcio com o povo.

A *ausência de tradição*, resultado da oposição entre uma tradição importada e uma eventualmente nova, conduziu a literatura brasileira a uma *antropofagia das gerações*, pois, para ele:

(...) cada nova geração, marcada pelo ceticismo e pelo iconoclastismo, em vez de procurar formar-se, só tem uma diretriz, a destruição da que antecedeu conforme o mito da soberania da geração presente, a que corresponde uma estase da realização artística e da acuidade crítica, somente possíveis num clima de continuidade. (Coutinho, 1968, p. 34)

Isto, por sua vez, gera o que Afrânio Coutinho chamou de *alienação do escritor* que se percebe como “um desterrado em sua própria terra” (1968, p. 34) na medida em que ignora seus predecessores, é desconhecido pela sociedade a que pertence e não presta a atenção a seus pares. Esta situação de isolamento, conseqüentemente, traz consigo um equívoco que é o distanciamento do escritor do povo, enquanto público leitor. O escritor brasileiro, ao mesmo tempo em que despreza seus pares, produz na intenção dos mesmos, ou seja, constrói “literatura requintada, feita por uma classe para divertimento dessa mesma classe, levando-se em conta o enorme abismo que separa elite e povo no Brasil, elite cultivada, e dona da vida, povo distante, analfabeto e deserdado.” (Coutinho, 1968, p. 34)

Apesar disso, Afrânio Coutinho registra sinais de transformação politicamente importantes que dizem respeito ao “acesso da massa ao poder político, econômico, social, e a posse da cultura”. (1968, p. 34)

No entanto, o contexto da *ruptura*, expresso pela passagem de uma crítica temática para uma crítica mais voltada às questões da linguagem, e por isso mesmo centrada no valor estético, traço definidor de seu conceito de literatura, leva-o a complementar meio cético:

Mas o risco perdura, pois a ninguém será permitido asseverar que essa ascensão não se fará em detrimento dos valores estéticos, com um desnivelamento dos padrões de cultura para adaptar-se às exigências da mesma massa. Assim, o conflito entre as

tendências *highbrow* e *lowbrow* se resolveria por baixo. O divórcio com o público resultou em uma literatura a que falta o público. (1968, p. 34)

É bom que se diga que, a partir da terceira edição, que é dos anos 80, o crítico acrescenta: “Esse divórcio acentua com o desenvolvimento dos órgãos de cultura de massa, apesar dos benefícios indiretos que propiciam.” (1986, p. 37)

Vale registrar também que, nesta mesma edição, a “Introdução Geral” passa a chamar-se “Prefácio da 1ª edição (1955)”, já que foi inserido um novo texto introdutório, “Literatura Brasileira (Introdução)”, no qual estas três “características da evolução de nossa literatura e de nossa atividade literária” não mereceram outras considerações.

Ainda no momento da *ruptura*, Antonio Candido escreve o ensaio “O escritor e o público” (1955), que constitui um dos capítulos de *A Literatura no Brasil*, dirigida por Afrânio Coutinho. Nele, defende a existência de uma tradição auditiva que passa a história da literatura no Brasil desde o século XVI. Diz ele:

(...) durante cerca de dois séculos, pouco mais ou menos, os públicos normais da literatura foram aqui os auditórios – de igreja, academia, comemoração. O escritor não existia enquanto “papel social” definido; vicejava como atividade marginal de outras, mais requeridas pela sociedade menos diferenciada: sacerdote, jurista, administrador. Querendo fugir daí e afirmar-se, só encontrava os círculos populares de cantigas e anedotas, a que se dirigiu o grande irregular sem ressonância nem influência, que foi Gregório de Matos na sua fase brasileira. (Candido, 1968, p. 101)

Neste sentido, convém registrar que a ausência de comunicação entre o escritor e a massa é vista por Antonio Candido sob perspectiva semelhante, mas não idêntica à de Afrânio Coutinho:

Com efeito, o escritor se habituou a produzir para públicos simpáticos, mais restritos, e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes, igualmente reduzidos. Ora esta circunstância, ligada à esmagadora maioria de iletrados que ainda hoje caracteriza o país, nunca lhe permitiu diálogo efetivo com a massa, ou com um público de leitores suficientemente vasto para substituir o apoio e o estímulo de pequenas elites. (1968, p. 106-7)

Antonio Candido não considera a literatura produzida pelos escritores brasileiros requintada, nem tampouco vê a elite literária, a que seus textos se dirigem, como

possuidora de um refinamento de gosto, mas apenas com “capacidade de interessar-se pelas letras”, acrescentando que:

Correspondendo aos públicos disponíveis de leitores, – pequenos e singelos – a nossa literatura foi geralmente acessível como poucas, pois até o Modernismo não houve aqui escritor realmente difícil, a não ser a dificuldade fácil do rebuscamento verbal que, justamente porque se deixa vencer logo, tanto agrada aos falsos requintados. De onde se vê que o afastamento entre o escritor e a massa veio da falta de públicos quantitativamente apreciáveis, não da qualidade pouco acessível das obras. (1968, p. 107)

Diferentemente de Afrânio Coutinho, observa também com menos temor os sinais de transformação da sociedade pelo acesso da massa ao poder político, econômico, social e cultural, apesar de achar que algumas mudanças no campo tecnológico e político trouxeram prejuízos, na medida em que vieram reforçar a tradição auditiva:

Em nossos dias, quando as mudanças assinaladas indicavam um possível enriquecimento da leitura e da escrita feita para ser lida, - como é a de Machado de Assis, - outras mudanças no campo tecnológico e político vieram trazer elementos contrários a isto. O rádio, por exemplo, reinstalou a literatura oral, e a melhoria eventual dos programas pode alargar perspectivas neste sentido. A ascensão das massas trabalhadoras propiciou, de outro lado, não apenas maior envergadura coletiva à oratória, mas um sentimento de missão social nos romancistas, poetas e ensaístas, que não raro escrevem como quem fala para convencer ou comover. (1968, p. 108-9)

Vale lembrar, porém, que a *ruptura*, traço característico daquele momento, significou, como insistiu Antonio Candido, nos textos escritos em quase três décadas – e eu me refiro principalmente aos anos 50, 60 e 70, em que alertava para o perigo das “pretensões excessivas do formalismo” (1971, I, p. 33) –, o encontro do crítico com o texto, com o estatuto da literatura e o início da profissionalização do homem de letras e o abandono do historicismo, conforme se pode constatar neste fragmento do ensaio “Literatura e cultura de 1900 a 1945”, redigido, segundo observação do autor em nota de rodapé, em 1950:

Em nossos dias, estamos assistindo ao fim da literatura onívora, infiltrada como critério de valor nas várias atividades do pensamento. Assistimos, assim, ao fim da literatice tradicional, ou seja, da intromissão indevida da literatura; da literatura sem

propósito. Em conseqüência, presenciamos também a formação de padrões literários mais puros, mais exigentes e voltados para a consideração de problemas estéticos, não mais sociais e históricos. É a maneira pela qual as letras reagiram à crescente divisão do trabalho intelectual, manifestadosobretudo no desenvolvimento das ciências da cultura, que vão permitindo elaborar, do país, um conhecimento especializado e que não reveste mais a forma discursiva. (1973, p. 136)

O momento da *releitura* começa então muito marcado pelas preocupações formais e estéticas, pois

(...) a crítica como releitura significa, em última instância, a possibilidade de uma decodificação que atende não somente para os elementos constituintes da literariedade como para o que, no texto, envolve a sua existência como radicação na história. Só que agora esta radicação é percebida não como função, ou missão, do texto, mas como decorrência de seu próprio modo de constituir-se enquanto objeto de tensão entre forma e história. (Barbosa, 1990, p. 75)

A necessidade de rever o cânone sob esta perspectiva, hoje, aos olhos de alguns, iluminista, pode ter sido o motivo que levou, nos anos 60, Afrânio Coutinho a publicar, em três volumes, a *Antologia Brasileira de Literatura* (1965, 1966, 1967), e Antonio Candido e José Aderaldo Castello, os três volumes da *Presença da Literatura Brasileira* (1964), onde, de maneira mais pragmática, puderam ilustrar as idéias propostas, respectivamente, em *A Literatura no Brasil* e no longo ensaio *Formação da Literatura Brasileira*. As duas antologias têm preocupação didática, apresentando um extenso *corpus*, organizado diacronicamente. A primeira reúne clássicos brasileiros e portugueses e a segunda reúne apenas os brasileiros.

Nos anos 60, porém, o olhar mais radical sobre o cânone da história da literatura brasileira talvez tenha sido o de Haroldo de Campos, em três pequenos artigos, “Poética sincrônica”, “O Samurai e o Kakemono” e “Apostila: Diacronia e Sincronia”, publicados em 1967, no periódico carioca *Correio da Manhã*, e que, posteriormente, reunidos sob o título “Por uma Poética Sincrônica”, foram reproduzidos no livro *A arte no horizonte do provável* (1969).

Numa releitura marcada, principalmente, pelas idéias poundianas, extraídas de *ABC of Reading* (1934), sob um critério puramente estético, Haroldo de Campos propõe a elaboração de uma “Antologia da Poesia Brasileira da Invenção”, em cujo cânone figurariam apenas os poemas de Gregório de Matos, os árcades Tomás Antonio Gonzaga (*Cartas Chilenas*), Cláudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto, um trecho

do poema “Carta a João de Deus Pires Ferreira”, conhecido como “Diálogo com o Tritão”, de autoria do Padre Sousa Caldas, as traduções de Odorico Mendes, os românticos Sousândrade, Gonçalves Dias (o poema “O leito de folhas verdes”), Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães (o poema “A orgia dos duendes”), os simbolistas Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos, Pedro Kilkerry e a obra de Quorpo Santo.

Nos anos 70, num pequeno ensaio intitulado “Texto e história”, publicado em *A operação do texto*, investe contra o cânone da literatura brasileira de forma mais contundente dizendo:

O estatuto do historiador literário brasileiro é, por assim dizer, um estatuto dilacerado e dilacerante. Confrontado com um panorama diacrônico onde são raros os momentos de altitude, este historiador oscila entre a melancolia do profissional que não encontra um objeto satisfatório para o exercício de seu *métier* e a indulgência do fideicomissário que procura valorizar os bens sob sua custódia. (Campos, 1976, p. 13)

Ainda neste texto, lança a idéia de uma possível história textual, “que toma o *texto* caracterizado por seu *conteúdo informativo* (suas componentes inventivas), como ponto fulcral, e privilegia uma visada sincrônica.”(1976, p. 18).

Assim procedendo, estabelece um cânone bastante enxuto para a história do romance brasileiro, onde apareceriam apenas: *Memórias de um sargento de milícias* (1854-1855), de Manoel Antonio de Almeida, *Iracema* (1865), de José de Alencar, *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), de Machado de Assis.

No início dos anos 80, com a chegada ao Brasil dos primeiros sinais do multiculturalismo, o crítico Roberto Schwarz organizou uma curiosa antologia composta de ensaios de críticos das mais variadas tendências unidos por uma questão comum: “como se define e representa a pobreza nas letras brasileiras?” (Schwarz, 1983, p. 7)

O livro, cujo título é *Os pobres na literatura brasileira*, provoca indiretamente uma revisão nos critérios de seleção de autores e obras constantes no cânone da literatura brasileira, na medida em que levou os críticos que participaram do projeto a deslocarem a ótica de suas reflexões para outro pólo que não o marcado pelo “banho formalista” (1983, p. 8) que dominou a cena acadêmica brasileira na década de 70. Deste modo, revelou-se através dos textos escritos a sessenta mãos que “as crises da literatura contemporânea e das sociedades de classes são irmãs”

(1983, p. 8) e, por conta disso, “a situação da literatura diante da pobreza é uma questão estética radical.” (1983, p. 8)

Também nos anos 80, temos a publicação de *Tal Brasil, qual romance?* (1984), importante ensaio de Flora Süssekind, e um pequeno texto de Roberto Reis, intitulado “As idades do texto” (1989), que serviu de Prefácio para uma antologia de ensaios, inicialmente, apresentados, no Twin Cities Campus, da University of Minnesota, durante o Simpósio “Luso-Brazilian Literatures: a Sócio-Critical Approach” (1988), por ele editada, posteriormente, pela Arizona State University (1991, p. 1-10), onde se vislumbra a discussão do cânone nos termos que constituem a tônica da passagem do século XX para o XXI, e *Não muito mas muito da poesia segundo o século XX* (1984), uma curiosa antologia brasileira de poesia da invenção, organizada por Omar Khoury, com fins didáticos.

Nos anos 90, com a proximidade da passagem do século, ocorrem tentativas de revisões do cânone literário, resultantes de desconstruções de conceitos como o de *literariedade*, num passado recente, verdadeiro divisor das águas entre os discursos literários e não-literários, de valores como o estético, que passa a ser visto como apenas um dentre outros.

Assim foram publicados ensaios como “Preguiça pastosa – Repensando o cânon literário brasileiro” (1994, p. 122-139), do já citado Roberto Reis; “A Biblioteca Imaginária ou o cânone na história da literatura brasileira” (1996, p. 13-58), de João Alexandre Barbosa; “Para uma descrição da literatura brasileira do século XX” (1999, p. 97-142), de Luís Augusto Fischer; *Aporias do cânone* (1997), título de uma coletânea de ensaios, organizada por Beatriz Resende, com a colaboração de Claudius Waddington, editada no número 129 da *Revista Tempo Brasileiro, Altas Literaturas* (1998) e “Consideração intempestiva sobre o ensino da literatura” (1999), de Leyla Perrone-Moisés; “Escalas & ventríloquos” (2000), de Flora Süssekind, apresentando um balanço das publicações literárias brasileiras da última década; *O Cânone Colonial* (1997) e *O Cânone Imperial* (2000), de Flávio R. Köthe, dentre outros.

Paralelamente às reflexões ensaísticas, foram publicadas várias antologias como tentativas de balanço da produção da passagem do século XX para o XXI. Dentre elas, vale registrar, pela diversidade de perspectivas: *O amor com olhos de adeus: antologia do conto gay brasileiro* (1995), organizada por José Carlos Honório; *Esses poetas: uma antologia dos anos 90* (1998), de Heloisa Buarque de Hollanda, que nos anos 70 havia organizado *26 poetas hoje* (1976); *Escritoras brasileiras do século XIX* (1999), organizada por Zahidé Lupinacci Muzart; *Com palmas medida: terra, trabalho e conflito na literatura*

brasileira (1999), “antologia temática de textos da literatura brasileira que espelham a ocupação da terra desde a chegada dos europeus, os métodos utilizados as realizações e conflitos daí decorrentes” (1999, p. 11), organizada por Flávio Aguiar; *Os cem melhores contos brasileiros do século* (2000) e *Os cem melhores poemas brasileiros do século* (2001), organizadas por Ítalo Moricone, com vastos panoramas da narrativa curta, refletindo de maneira sensível as transformações ocorridas no horizonte de expectativas do leitor brasileiro do século XX, e da poesia dirigida ao “*quem somos* no duplo sentido de brasileiros e indivíduos humanos” (Moriconi, 2001, p. 15); *Mais poesia hoje* (2000), de Célia Pedrosa; *Cinco Séculos de Poesia* (2000), de Frederico Barbosa, que revisita o paradigma da tradição clássica brasileira, combinando, no dizer de Haroldo de Campos, “didaticamente, na escolha de autores e poemas, uma percuciente leitura sincrônica e um sentido diacrônico de relevância contextual e histórico-literário” (Campos, 2000); *Na virada do século: poesia de invenção no Brasil* (2002), amplo panorama da poesia da invenção, dentro dos limites do que seus dois autores, o mesmo Frederico Barbosa e Cláudio Daniel, conheceram e pesquisaram na passagem do século XX e XXI; *Os cem melhores poetas brasileiros do século* (2001), de José Nêumanne Pinto; *Geração 90: manuscritos de computador* (2001), de Nelson de Oliveira, buscando reunir os melhores contistas brasileiros surgidos no final do século XX.

Para concluir, essas anotações, como parte de um *work in progress*, não pretendem fechar, mas manter em aberto os constantes desafios advindos da fascinante discussão do cânone da história da literatura brasileira.



BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Flávio (Org.). *Com palmas medida: terra, trabalho e conflito na literatura brasileira*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê, 1996.
- BARBOSA, João Alexandre. *A leitura do intervalo*. São Paulo: Iluminuras / Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- BARBOSA, Frederico (Sel. e Introd.). *Cinco séculos de poesia (Antologia da poesia clássica brasileira)*. São Paulo: Landy, 2000.
- BARBOSA, Frederico e DANIEL, Cláudio. (Org.) *Na virada do século: Poesia de Invenção no Brasil*. São Paulo: Landy, 2002.

- CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- CAMPOS, Haroldo de. *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CAMPOS, Haroldo de. Apresentação. In: *Cinco séculos de poesia* (Antologia da poesia clássica brasileira) (Sel. e introd. Frederico Barbosa). São Paulo: Landy, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira* (Momentos decisivos). São Paulo: Martins, 4ª ed., 2 v., 1974.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 3ª ed. rev., 1973.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo: DIFEL, 3 v., 1964.
- COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 2ª ed., 6 v., 1968.
- COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói-RJ: EDUFF, 3ª ed., 6 v., 1986.
- COUTINHO, Afrânio. *Antologia Brasileira de Literatura*. Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares, 3 v., 1965, 1966 e 1967.
- FISCHER, Luís Augusto. Para uma descrição da literatura brasileira no século XX. In: *Literatura & História: perspectivas e convergências* (Orgs. Luiz Eugênio Vescio e Pedro Brum Santos). Bauru-SP: EDUSC, 1999, p. 97-142.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Esses poetas: uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.
- HONÓRIO, José Carlos. *O amor com olhos de adeus: antologia do conto gay brasileiro*. São Paulo: Transviatta, 1995.
- KHOURI, Omar. *Não muito mas muito da poesia segundo o século XX*. São Paulo: Nomuque, 3ª ed. Modificada, 1984.
- MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis-SC: Mulheres, 1999.
- OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Geração 90: manuscritos de computador* (Os melhores contistas brasileiros surgidos no final do século XX). São Paulo: Boitempo, 2001.
- PEDROSA, Célia (Org.). *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Consideração intempestiva sobre o ensino da literatura. *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 345-351.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PINTO, José Nêumanne (Sel.). *Os melhores poetas brasileiros do século*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.
- PORTELLA, Eduardo. Como se fosse um diário: anotações sobre o cânone. In: *Revista Tempo Brasileiro*, n.º 129: Aporias do cânone (Org. B. Resende, com colaboração de C. Waddington), Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, abril-junho/1997, p. 5-7.
- REIS, Roberto. Preguiça pastosa – repensando o cânon literário brasileiro. In: *Santa Barbara Portuguese Studies*. V. I. Santa Barbara, CA: Center for Portuguese Studies, University of California, 1994, p. 122-139.
- REIS, Roberto. Prefácio: As Idades do Texto. In: *Toward Socio-Criticism*. selected proceedings of the Conference “Luso-Brazilian Literatures, A Social-Critical Approach” (Ed. by Roberto Reis). Tempe, AZ: Center of Latin American Studies, Arizona State University, 1991, p. 1-10.
- SALOMÃO, Waly. *Tarifa de embarque*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
SÜSSEKIND, Flora. Escalas & ventríloquos. In: *Folha de São Paulo*, Mais!, n° 441. São Paulo: Folha da Manhã, 23 de julho de 2000, p. 4-11.
SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.



CAIRO, Luiz Roberto. Notas sobre o cânone da história da literatura brasileira na segunda metade do século XX. *Lêgua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 3, n° 2, 2004, p. 115-125.

Luiz Roberto Cairo é Professor Assistente Doutor de Literatura Brasileira da UNESP-Assis. Graduado em Letras pela UFBA, Mestre e Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. É autor de *O salto por cima da própria sombra* (1996) e de ensaios de crítica e história literária publicados em periódicos nacionais e estrangeiros.